

**JORNADA DE UM SANTO MESTIÇO PELO BRASIL COLONIAL: GONÇALO
GARCIA, HISTÓRIA DE UMA DEVOÇÃO E ICONOGRAFIA**

***JOURNEY OF A MESTIZO SAINT THROUGH COLONIAL BRAZIL: GONÇALO
GARCIA, A STORY OF A DEVOTION AND ICONOGRAPHY***

***VIAJE DE UN SANTO MESTIZO POR EL BRASIL COLONIAL: GONÇALO GARCIA,
HISTORIA DE UNA DEVOCIÓN E ICONOGRAFÍA***

Célio Macedo Alves¹
celio.macedo@ufop.edu.br

RESUMO

A ideia deste artigo é levantar algumas questões sobre a história da devoção e iconografia de Gonçalo Garcia, santo de origem indo-portuguesa, em território brasileiro, a partir de alguns episódios curiosos ocorridos no período colonial, notadamente no Nordeste e em Minas Gerais. No Brasil sua devoção foi muito forte entre a população parda, principalmente devido à opinião que se construiu em torno da possível cor mestiça do santo, concorrendo para ocorrência de litígios sociais em cidades e vilas da época. Inicialmente procurou-se indicar como se deu a construção da história do santo e de sua iconografia, ainda lá no Oriente, e como, poderia ter se dado a formação da imagem de um santo de cor parda ou mestiça. São questões que serão pontuadas aqui, a partir de informações deduzidas de crônicas, sermões e documentos da época. Essas são pistas que nos permitirão compreender como sua devoção e iconografia se misturaram no Brasil colonial ao cotidiano das populações de cor.

Palavras-chave: São Gonçalo Garcia; história; iconografia; pardos; irmandades.

ABSTRACT

The idea of this article is to raise some questions about the history of devotion and iconography of Gonçalo Garcia, a saint of Indo-Portuguese origin, in Brazilian territory, based on some curious episodes that occurred in the colonial period, notably in the Northeast and in Minas Gerais. In Brazil, his devotion was very strong among the brown population, mainly due to the opinion that was built around the possible mestizo color of the saint, contributing to the occurrence of social disputes in cities and towns at the time. Initially, an attempt was made to indicate how the history of the saint and his iconography were constructed, still in the East, and how the image of a brown or mestizo saint could have been formed. These are questions that will be punctuated here, based on information deduced from chronicles, sermons, and

¹ Doutor em História Social pela USP. Professor Adjunto no Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto. Nos últimos anos tem desenvolvido projetos de extensão ligados à Arte Sacra. Cofundador e coordenador do Núcleo de Pesquisas e Extensão do Patrimônio Sacro (NUPEPS). Autor de artigos, capítulos de Livros e Livro sobre Arte colonial mineira.

documents of the time. These are clues that will allow us to understand how his devotion and iconography were mixed in colonial Brazil with the daily lives of people of color.

Keywords: São Gonçalo Garcia; history; iconography; brown people; brotherhoods.

RESUMEN

La idea de este artículo es plantear algunas preguntas sobre la historia de la devoción y la iconografía de Gonçalo García, santo de origen indoportugués, en territorio brasileño, a partir de algunos episodios curiosos ocurridos en el período colonial, especialmente en el Nordeste y en Minas Gerais. En Brasil, su devoción fue muy fuerte entre la población morena, principalmente debido a la opinión que se construyó en torno al posible color mestizo del santo, contribuyendo a la aparición de disputas sociales en ciudades y pueblos de la época. Inicialmente, se intentó indicar cómo se construyó la historia del santo y su iconografía, aún en Oriente, y cómo pudo haberse formado la imagen de un santo moreno o mestizo. Son preguntas que aquí se puntuarán, a partir de informaciones deducidas de crónicas, sermones y documentos de la época. Estas son pistas que nos permitirán comprender cómo su devoción e iconografía se mezclaron en el Brasil colonial con la vida cotidiana de la gente de color.

Palabras claves: São Gonçalo García; historia; iconografía; pardos; hermandades.

INTRODUÇÃO

Gonçalo Garcia é hoje um santo muito pouco conhecido, muito pouco cultuado e muito pouco festejado. De origem indo-portuguesa, foi um dos 26 cristãos martirizados no Japão no ano de 1597. Apesar desse ato heroico em nome da cristandade ocidental, sua vida santificada não ganhou fama em Portugal, e nem poderia, já que sua ligação com aquele país daria tão somente por uma circunstancial obra do acaso: o de ter sido gerado a partir de um relacionamento entre um português e uma indiana que teria se convertido ao catolicismo. Isso na distante Baçain, uma antiga cidade fortificada portuguesa na Índia Oriental. Se não foi notado em Portugal na sua época e em épocas posteriores, Gonçalo granjeou fama entre a população parda do Brasil no século XVIII, que para agradá-lo ergueu igrejas, constituiu irmandades, esculpiu imagens, realizou festas, mas também gerou conflitos em torno de sua representação, como ocorreu nos estados de Pernambuco, Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e em Minas Gerais. Contudo, para se compreender tudo isso, torna-se imprescindível, inicialmente, relatar a história de Gonçalo Garcia e de como se forma a sua iconografia lá ainda no longínquo Oriente e como isso se trasladou para o Ocidente cristão.

Gonçalo Garcia ou Gonçalo de Baçaim foi um dos seis religiosos franciscanos crucificados e alanceados no Japão, na cidade de Nagasaki, no ano de 1597, juntamente com

outros três religiosos da Companhia de Jesus e dezessete cristãos japoneses.² Esses religiosos andavam empenhados no apostolado do Japão e caiu no desagrado de chefes político-militares locais devido a intrigas políticas da época. Frei Gonçalo nasceu em Baçaim (atual Vasar-Virar), cidade fortificada portuguesa na Índia Oriental, filho de um português e de uma indiana. Conviveu com os Jesuítas no Japão durante oito anos, porém, não tendo sido aceite na Companhia resolveu se dedicar a mercancia, com que fez certa fortuna na cidade de Manila, nas Filipinas, importante centro comercial controlado pelos espanhóis. Ali, não satisfeito com a vida mundana que levava, veio a ingressar como irmão leigo, na Ordem dos Franciscanos Menores, instalados naquela região desde 1576 sob a proteção da coroa espanhola. No ano de 1588, aos oito dias do mês de junho, professa na ordem de São Francisco como frade leigo.

Em 1593, Gonçalo acompanha uma embaixada de religiosos franciscanos ao Japão, liderada por Frei Pedro Batista, superior da missão. Gonçalo Garcia foi escolhido para essa missão por ser muito versado nas letras e cultura japonesa, conhecimento este adquirido nos anos que ali esteve acompanhando os jesuítas. É importante ressaltar que o clima para os religiosos ocidentais nas ilhas japonesas não se encontrava muito favorável, pois em 1585, os padres jesuítas, que mantinham o monopólio missionário naquelas partes do mundo, haviam sido expulsos por um edital do imperador japonês. Mesmo assim, os frades franciscanos são aceitos e se instalam na capital Miaco (atual Kioto), e ali se dedicam à construção de igrejas e hospitais, inclusive, inaugurando um estilo de evangelização muito distinto dos antecessores jesuítas. Contudo, no final de 1596, o bom convívio entre religiosos franciscanos e as autoridades locais torna-se bem azedo, gerando uma nova onda de perseguições, aprisionamentos e execuções de religiosos e nativos convertidos. Alguns religiosos foram detidos em Osaka, incluindo frei Gonçalo, e outros em Kioto, e todos, num total de vinte e seis, foram conduzidos a pé para Nagasaki, onde foram crucificados e trespassados por duas lanças, em 5 de fevereiro de 1597. Gonçalo Garcia tinha aproximadamente 40 anos quando recebeu o martírio. Os mártires do Japão, como são hoje conhecidos e venerados, foram beatificados em 1627 pelo papa Urbano VIII e canonizados por Pio IX em 1862.

² A história de Gonçalo Garcia aqui descrita foi elaborada a partir de informações retiradas de crônicas escritas por frades franciscanos contemporâneos a ele, que, inclusive, se encontravam no Japão no momento da sua execução, como Frei João de Santa Maria (1599) e Frei Marcelo de Ribadeneira (1601); e também outros que a reelaboraram muito tempo depois, como Frei Juan Francisco de San Antonio (1744).

SOBRE A ICONOGRAFIA DO SANTO BEATO GONÇALO GARCIA

A iconografia estabelecida em torno de Gonçalo Garcia está entrelaçada, de certa forma, à dos outros 25 cristãos martirizados em Nagasaki. Crônicas da época relatam o grande impacto que tal acontecimento causou, inicialmente na Igreja instalada no Oriente, e depois, assim que as notícias atravessaram os oceanos, à cristandade ocidental — repercutindo até mesmo no novo Mundo, já que um dos frades era natural da Cidade do México, já que um dos frades era natural da Cidade do México. O lugar do martírio se tornou rapidamente um local de peregrinação para a própria população cristã nativa, que nos dias e meses seguintes ao cruel ato, concorriam ali para ver os corpos dos martirizados, cruelmente pregados na cruz e trespassados por lanças. Os corpos foram deixados na cruz por vários meses e há relatos de furtos das partes dos corpos, arrancadas e carregadas como uma sagrada relíquia. Alguns dos religiosos ali presentes e que escaparam da perseguição mandaram fazer pinturas descrevendo como os religiosos e cristãos japoneses foram cruelmente martirizados. Essas pinturas foram enviadas para as igrejas situadas em cidades daquela parte do mundo, como Macau, Goa e Manila, onde se realizaram missas e procissões para celebrar os novos mártires da cristandade. Também parte de seus corpos, trazidos de Nagasaki, foram depositados nas igrejas, como relíquias e muitos relatos da época fazem menção sobre o suposto poder milagroso desses macabros objetos.

Tudo isso, com certeza, estimulou o culto e veneração desses mártires, inicialmente nas igrejas da Ásia e depois passando para a Europa, incentivado pelas ordens religiosas, notadamente os franciscanos e os jesuítas, espalhados pelos quatro cantos do mundo. Relata-se, inclusive, que o corpo de Gonçalo Garcia teria tido seu braço arrancado e levado como relíquia para a igreja e convento franciscano de Santo Antônio (hoje em ruínas), localizado na cidade natal do santo, a fortificada Baçaim. Há também uma notícia de que sua cabeça teria sido levada por um francês para a mesma cidade, porém foi trasladada para a cidade de Goa, por conta de uma invasão bárbara (SAN ANTONIO, 1744, p. 783). Certamente dali, a história do santo e da forma cruel de seu martírio ganhou o mundo português, principalmente no que tange ao papel dos franciscanos em introduzir a veneração e memória pelos seis santos frades franciscanos, e, entre eles Gonçalo Garcia, em suas igrejas espalhadas pelo vasto império luso. Como ocorre na igreja franciscana da cidade do Porto, onde há um retábulo dedicado aos santos mártires do Japão (e do Marrocos).

A beatificação dos mártires do Japão no ano de 1627, 30 anos depois do martírio, também fortaleceu o culto e, por conseguinte, a criação de uma iconografia específica para se representar esses santos mártires. A bula da beatificação, promulgada no dia 14 de setembro de

Um exemplo do primeiro tipo iconográfico pode ser verificado em um gravado que ilustra a terceira parte da obra *Chronicas* de Frei Juan Francisco de San Antonio, publicada em Manila, no ano 1744. Por ser uma obra que trata da história franciscana, a cena, como não podia deixar de ser, representa somente a crucificação dos seis religiosos da ordem de São Francisco (em destaque na gravura) e dezessete irmãos leigos japoneses. (figura 1)

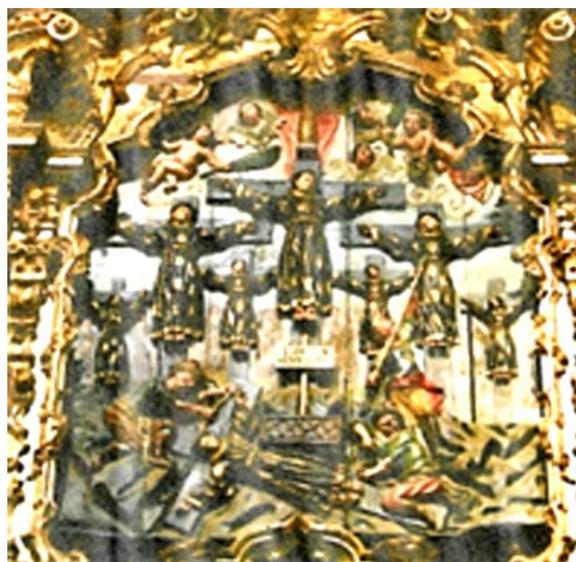
Já a obra *Elogios e ramallete de flores*, de 1650, do jesuíta Antônio Francisco Cardim, faz propaganda da Companhia de Jesus e dos seus religiosos martirizados em terras orientais, desde São Francisco Xavier,³ morto em 1552, até o ano de 1640. Os três jesuítas martirizados em Nagasaki no ano de 1597, todos de origem japonesa, aparecem logo no começo, representados individualmente: Paulo Miki, João Goto e Diogo Kisay. Os três estão na cruz, presos por argolas nos pulsos e tornozelos, tendo duas lanças transpassadas pelos francos com as pontas saindo pelos ombros. Todos trajando o hábito negro da companhia. (figura 2).

Figura 2 - Gravura representando um Mártir Jesuíta do Japão (século XVII).



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal/BN Digital (disponível em <https://purl.pt/12675>).

Figura 3 - Altar dos Mártires do Japão na Igreja de São Francisco na Cidade do Porto (1750/51).



Fonte: Autor, (2018).

Na Igreja de São Francisco da Cidade do Porto, há um altar lateral de gosto barroco (1750/51) dedicado aos Santos Mártires do Japão e do Marrocos. Os mártires franciscanos de Nagasaki, em número de oito, entalhados em relevo, situam-se na parte superior central do altar.

³ É importante deixar claro que Francisco Xavier não morreu em função de martírio, mas sim de fortes febres quando se encontrava na China, que o levaram a morte em 3 de dezembro de 1552.

Sete deles são representados já crucificados e um encontra-se ainda deitado ao chão sobre a cruz, sendo preparado por dois algozes. Na parte direita, outro algoz se prepara para transpassar a lança no flanco de um dos frades já crucificados. A cena é arrematada por dois anjos que levam a coroa de louro e a palma simbolizando a vitória do cristianismo sobre o martírio (figura 3).

GONÇALO GARCIA: UM SANTO PARDO?

É difícil apontar de onde pode ter surgido a ideia de Gonçalo Garcia como um santo mestiço ou pardo. A primeira pista que vem à cabeça é tentar descobrir se esta definição de sua cor estaria implícita ou explicitamente indicada nas primeiras biografias escritas sobre o santo, inseridas em crônicas que tratam da missão da Ordem de São Francisco no Japão, nos séculos XVI e subsequentes. Algumas apresentam uma biografia individualizada de cada um dos santos mártires do Japão, com pormenores da vida de cada um, por vezes mesclados com passagens fantasiosas, como é comum no gênero hagiográfico.⁴ Geralmente procura-se apresentar um ciclo dessa vida, que se inicia com nascimento, sua entrada para a vida monástica, sua missão no Japão e seu glorioso martírio. Outras trazem apenas um curto relato, apresentando nomes e sua nacionalidade. Importante ressaltar que algumas foram ainda escritas sob o frescor dos acontecimentos lá no Japão, e outras ao longo dos séculos seguintes, já replicando os fatos conhecidos, porém acrescidos e mesclados de novas informações surgidas a partir de histórias orais transmitidas ao longo dos anos.

Certamente, uma das mais antigas e talvez a principal dessas biografias do santo seja a que foi inserida na obra escrita pelo frei franciscano Marcelo de Ribadeneira, impressa em Barcelona, no ano de 1601. Frei Ribadeneira entrou no Japão em agosto de 1594, proveniente de Manila, para se juntar aos primeiros franciscanos que já se encontravam lá desde um ano antes. Portanto, conheceu e foi companheiro de Gonçalo Garcia, tendo, inclusive, o acompanhado em algumas missões nas cidades de Kioto e Osaka, para edificação de igrejas e hospitais, como, aliás, ele mesmo relata. No entanto, em nenhuma passagem da biografia que escreve sobre Gonçalo, notadamente na parte em que fala de sua origem e filiação, ele o descreve como sendo um mestiço, de cor parda ou escura.⁵

⁴ O gênero hagiográfico, salvo exceções, não cogita dar do santo uma narração histórica concreta, uma sucessão ordenada de feitos; tem outra finalidade: apresentar um homem cuja vida representa, exemplarmente, seu encontro com Deus. Sua intenção é oferecer um caso de união entre Deus e homem.

⁵ A biografia (ou hagiografia) do beato São Gonçalo Garcia encontra-se entre as páginas 647 a 655 da obra do Frei Ribadeneira.

Dos onze franciscanos que se encontravam no Japão, seis foram presos e sentenciados a morte por crucificação em Nagasaki. Outros três, entre eles frei Ribadeneyra, foram detidos em um navio que se encontrava no porto desta cidade japonesa, sem, no entanto, sofrer o martírio, e outros dois permaneceram escondidos. Algum tempo depois Ribadeneyra conseguiu voltar para Manila e dali partiu na missão de dar notícias do martírio ao rei da Espanha, ao papa e ao mundo cristão do Ocidente, desempenhando assim um papel preponderante na abertura do processo que culminaria na beatificação de seus companheiros mártires em 1627 (LINS; ANDRADE, 1986, p. 121). Portanto, muito do que sabemos sobre o martírio desses 26 cristãos no Japão, foram-nos revelados a partir do vivo relato de frei Marcelo Ribadeneyra.

Também contemporânea ao martírio é uma obra de outro franciscano, frei João de Santa Maria, intitulada *Relacion del martírio*, surgida em 1599, e dedicada ao rei espanhol Felipe III.⁶ Apresenta resumidamente as biografias dos mártires franciscanos do Japão, enfatizando os últimos momentos de cada um diante da eminente morte na cruz. Sobre Gonçalo Garcia, faz uma referência sobre seu nascimento em Baçaim e o fato de ser filho de pai português e mãe indiana, sem, no entanto, fazer referência à sua condição de cor.

Outra obra que traz as biografias dos mártires franciscanos é a já mencionada *Chronicas* (1744), do frei Juan de San Antônio. Nela encontramos uma biografia bem mais extensa de Gonçalo Garcia, que apresenta inclusive algumas informações adicionais – desconhecidas ou mercador em Manila e a data (1588) em que tomou o hábito franciscano como frade leigo, com a idade 29 anos. Faz também referência a seu pai, do qual toma o sobrenome Garcia, que poderia ter sido de “fidalguia de sangue”, já que na cidade de Baçaim, naquela época, encontravam-se as “melhores linhagens de Portugal”, por conta de muitos casamentos arranjados ali entre cavalheiros portugueses (SAN ANTONIO, 1744, p. 771). No entanto, em toda narrativa também não faz nenhuma menção à condição de cor do frade Gonçalo Garcia.

GONÇALO GARCIA A CAMINHO DO BRASIL

Em Portugal, as confrarias de homens de cor existiam desde os primórdios do século XVI. Segundo historiadores, a mais antiga confraria surgida aí para abrigar os negros teria se constituído na igreja conventual de São Domingos, devotada a Nossa Senhora do Rosário, ainda em fins do século XV. Também confrarias antigas consagradas a Nossa Senhora de Guadalupe,

⁶ Esta mesma obra foi traduzida no mesmo ano para o italiano, por empenho do Frei José di Santa Maria e oferecida ao Papa Clemente VIII: *Relatione del martírio, Che sei Padri Scalzi di San Francesco, et venti giapponesi christiani patirono nel Giappone l'anno 1597*. (Disponível em <https://purl.pt/33539>).

Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora dos Remédios e São Benedito, entre outras, reuniam em suas fileiras homens de cor. A exclusão dos pardos de muitas dessas confrarias os impulsionou à constituição de uma ou várias irmandades próprias. A mais antiga parece ter existido por volta de 1613, com a denominação de Nossa Senhora da Salvação, erigida no Convento da Santíssima Trindade, em Lisboa (FONSECA, 2016, p. 27)

Na cidade do Porto encontrava-se instituída na igreja mosteiro de São Francisco uma irmandade de Nossa Senhora do Rosário, desde meados do XVI, que mais tarde se associou à de São Benedito. Do século XVII ao XIX funcionou como uma confraria mista de negros e brancos. No século XVIII a confraria passa a homenagear Gonçalo Garcia, inclusive com a celebração de missas e danças. (FONSECA, 2016, p. 65)

É difícil apontar de onde a devoção do santo indo-português tenha passado ao Brasil. Poderia ter sido da cidade do Porto, onde existe, na igreja de São Francisco, um altar dedicado aos santos mártires do Japão e onde também funcionou desde o século XVI uma irmandade de Nossa Senhora do Rosário que passa a homenagear a Gonçalo Garcia no século XVIII. No caso brasileiro há referência a uma pequena imagem do santo na cidade do Recife, desde pelo menos 1715. Tal informação encontra-se na obra *Summula Triunfal*, escrita por Solterio da Silva Ribeiro,⁷ que narra as festividades realizadas em torno do santo beato na Igreja de Nossa Senhora do Livramento dos Pardos, em Recife, no ano de 1745. Essa pequena imagem do santo teria vindo de Portugal, trazida por um homem pardo, por nome Antônio Ferreira, uns trinta anos antes das celebrações descritas na obra. Segundo o cronista da festa, o tal Antônio Ferreira dizia aos seus que “lá lhe derão de ser o Santo da sua mesma cor, e accidente” (RIBEIRO, 1928, p. 12), ou seja, pardo como o próprio Antônio. Contudo, não faz menção de qual região de Portugal teria vindo Antônio com o seu santo. Um santo de origem indiana e praticamente desconhecido gerou certa dúvida e tensão na população da cidade, inclusive de alguns religiosos, que não concordavam que o santo pudesse ter a cor parda, em sendo natural da Índia.

Para mediar a questão busca-se em um douto e respeitável religioso da época, o Frei franciscano Antônio de Santa Maria Jaboatão, a elucidação do caso para que os pardos da irmandade pudessem ter no Beato Gonçalo Garcia um “santo da sua cor”. No seu Sermão, intitulado *Discurso Histórico e Panegírico...*, de setembro de 1745,⁸ Frei Jaboatão cria brilhantemente uma narrativa bem convincente – obviamente aos ouvidos dos espectadores da

⁷ Trata-se, na verdade, do pseudônimo do frade franciscano Frei Manuel da Madre de Deus.

⁸ Sermão inserido na obra intitulada *Jaboatao Mystico em corrente primeira Panegyrica e Moral*, publicada em Lisboa no ano de 1758.

época –, baseado em escritores antigos da ordem franciscana, geógrafos e passagens bíblicas, para comprovar a origem parda ou mestiça do santo.

No início do sermão, Jaboatão afirma que Gonçalo Garcia era um “Pardo Santo”, porém que se sabendo que era santo, não se conhecia fosse ele pardo. A questão que se colocava era que o Beato Gonçalo era santo e estava beatificado, mas o mundo julgava ao contrário, e não queria que sendo pardo fosse ele santo. Cabia a ele, então, comprovar o oposto.

O ponto crucial de sua prédica desenvolve-se a partir da confirmação que Gonçalo era realmente pardo; sendo filho de pai português e de mãe natural de Baçaim, na Índia, era necessário, então, provar que a mãe era de cor preta, já que naquela região da costa oriental da Índia a população teria essa cor, como apontam escritores e geógrafos citados ao longo do seu discurso. Mas não se trataria de uma negritude que englobava algumas propriedades do ser preto, como ter, por exemplo, “o cabelo retorcido”; já que havia regiões em que negros pudessem ter os cabelos lisos, como aliás, relata o frei, apoiando-se, inclusive, em escritos do padre Vieira. Assim, para Jaboatão, Gonçalo, descendente de um branco com negra, não seria um pardo com “propriedade” ou legítimo, portanto sem os cabelos retorcidos.

Comprovada a razão da “legitimidade” da cor parda ou mestiça do Beato Gonçalo, Jaboatão direciona o seu discurso no sentido de “beatificar a sua cor”. Para demonstrar isso, visa relatar o valor dessa cor na história, contrapondo-se aos feitos apontados para os brancos e negros, de onde teriam surgidos príncipes, reis e monarcas de nações antigas. Dessa forma, cita o caso de Ismael, um personagem bíblico, que seria pardo, já que era filho de Abrão e de sua escrava Agar – que por ser egípcia, cujo povo na mentalidade da época era considerado de cor escura. Além de Ismael, enumera uma série de personagens históricos de cor parda que se notabilizaram ao longo dos tempos como sacerdotes e doutores, inclusive alguns exemplos de indivíduos que viveram no Brasil colonial.

Jaboatão acreditava, como muitos daquela época, e cita inclusive o padre Vieira, que a cor parda servia para aperfeiçoar nos homens a “cor preta”, sinal de uma culpa ou castigo de um antigo pecado. Assim “a cor parda é uma cor e meia, ou mista, que participa da branca e da preta e sendo assim é mais perfeita que as duas” (JABOATÃO, 1758, p. 211).

O último argumento que usa para essa “beatificação” da cor parda do beato é o que denomina de “razão moral”, baseada no fato de que na hierarquia da Igreja, o martírio ocupa o grau superior a todas as outras ações de santidade. Sendo assim, os santos martirizados estão acima dos santos confessores, em cuja fileira se encontram os primeiros santos de cor branca e preta. Já o primeiro santo pardo que teve a Igreja – talvez aqui se referindo ao beato Gonçalo – foi um santo mártir. Conclui então que, moralmente falando, a cor parda é mais perfeita que a

branca e a negra, justificando perante a sociedade recifense da época que os pardos da cidade tivessem o seu santo pardo e celebrassem a sua festa.

Na atual Igreja de Nossa Senhora do Livramento, reconstruída por volta de 1830 pelos homens pardos do Recife, há uma antiga imagem de São Gonçalo que talvez não seja a que trouxe de Portugal o pardo Antônio Ferreira. Ela encontra-se entronizada em um nicho do altar-mor, e traz a iconografia tradicional dos mártires do Japão, com o hábito franciscano e o corpo trespassado pelas duas lanças cruzadas, levando na mão direita a palma símbolo do martírio. Não consegui informação de que se preste ainda hoje em dia alguma homenagem ao santo (figura 4).

Em 1746, um ano após as festividades ocorridas em Recife, os pardos da cidade de Salvador também vieram realizar uma concorrida solenidade para homenagear o Beato Gonçalo Garcia. As festividades foram descritas pelo Frei José dos Santos Cosme e Damião em um sermão proferido na catedral de Salvador em 1746, e publicado em Lisboa, no ano de 1747.

Figura 4 - São Gonçalo Garcia no Altar-mor da Igreja de Nossa Senhora do Livramento de Recife (Século XVIII).



Fonte: Edição autor.

No seu início traz uma biografia do santo seguida de uma descrição que faz dos carros triunfantes que desfilaram pelas ruas de Salvador durante a solenidade. No sermão também discorre sobre a cor do santo, sendo justificada pela união do pai branco com a mãe indiana. Neste caso, Gonçalo poderia puxar a mãe por apresentar uma cor “vermelha”, como são os “naturais da Ásia e Índia oriental”; ou, ainda, a cor “negra” como eram os primitivos habitantes de Baçaim quando ali chegaram os portugueses, como argumenta o autor de uma obra da época intitulada *Atlas Abreviado*.⁹ Assim, Gonçalo Garcia seria um santo mestiço ou pardo (COSME E DAMIÃO, 1747, p. 17).

Em outro sermão, pregado na mesma solenidade, o padre Pedro Fernandes de Azevedo também reforça a união de cores afirmando que “se S. Gonsalo Garcia pelo Pay tem tanta parte na Europa, concorra o mundo com esta parte. Se pela Mãy tem tanto de escuro, concorra África como parte tão interessada” (AZEVEDO, 1748, p. 7-8). Dirige-se aos irmãos pardos de maneira confortadora, já que estes não eram “jamais ultrajados” pela falta de um santo de sua cor, “hum Santo, que fosse irmão vosso, da vossa cor, da vossa carne e do próprio sangue”, criado com “o leite da santidade” pela Igreja (AZEVEDO, 1748, p. 44).

Figura 5 - Santo Franciscano no acervo de Museu de Arte/Universidade Federal da Bahia.



Fonte: Museu de Arte Sacra/Universidade Federal da Bahia (Disponível em <https://mas.ufba.br/santo-franciscano>).

⁹ Aqui se referindo, certamente, ao *Atlas Abreviado ou compêndio de geografia do mundo antigo e novo*, de Francisco de Afferden, que teve 21 edições publicadas entre 1696 e 1725 em espanhol.

O Museu de Arte Sacra da Bahia conserva em seu acervo uma imagem barroca de um Santo Franciscano pertencente à antiga Catedral de Salvador (demolida em 1933), que sugere ser a imagem de São Gonçalo Garcia presente nas festividades de 1746. Trata-se de um santo de ares jovial, em traje habitual da ordem, e que não tem os atributos das mãos, porém tem as duas lanças transpassadas pelo seu costado (figura 5).

Antes de deixar do Nordeste, há que fazer referência à monumental Igreja de São Gonçalo Garcia dos homens Pardos, localizada na cidade de Penedo, cuja irmandade foi criada no século XVIII, por volta de 1740. A construção da igreja foi iniciada em 1758, como consta declarado no Compromisso da Irmandade, datado de 1807.

Descendo em direção ao sul do Brasil, presenciamos algumas igrejas dedicadas ao santo indo-português. Uma delas se encontra em Vitória, no Espírito Santo. Esta Igreja denominou-se originalmente Capela de Nossa Senhora do Amparo e da Boa Morte, ali funcionando uma Irmandade sob estas duas invocações. Segundo fontes secundárias, a capela foi erguida, possivelmente, em 1707. A igreja atual, construída em pedra e cal, foi consagrada a Gonçalo Garcia muitos anos depois, em 1766.

A imagem do santo, em estilo barroco, encontra-se entronizada no trono do altar-mor. Veste o hábito franciscano com detalhes dourados, tem o corpo trespassado por duas lanças, leva uma cruz de haste comprida na mão direita e um livro na outra mão, talvez aludindo ao fato do santo como catequista dos nativos japoneses, como indicam alguns de seus primeiros hagiógrafos.

Outra igreja dedicada a São Gonçalo fica no centro da cidade do Rio de Janeiro. O templo foi edificado mediante uma Provisão eclesiástica datada de 1758. Em 1850, recebeu a imagem de São Jorge, cuja capela, existente desde 1741, encontrava-se em estado de ruína, inclusive, sendo demolida em 1858. Em 1854, deu-se a fusão das duas irmandades, surgindo então a Venerável Confraria dos Gloriosos Mártires São Gonçalo Garcia e São Jorge (MAURÍCIO, 1946, p. 237).

A imagem de São Gonçalo encontra-se no altar-mor, abaixo de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Apresenta a iconografia comum aos mártires do Japão: um frade de aspecto jovem, trajando o hábito franciscano, com duas lanças trespassadas ao corpo, levando às mãos a cruz de haste comprida e a palma do martírio com três coroas. Atualmente, a festa dedicada a São Jorge, um santo muito popular no Rio de Janeiro, ofusca a devoção ao santo indo-português.

No centro da cidade de São Paulo encontra-se também uma igreja dedicada a São Gonçalo Garcia. O templo atual é uma construção do século XIX, que veio substituir uma

ermida construída no século XVIII, por volta de 1756, por iniciativa das irmandades de Nossa Senhora da Conceição e São Gonçalo Garcia. Sua decoração interior traz elementos do Neoclássico e do Rococó. Com a extinção da irmandade de São Gonçalo, no final do século XIX, a igreja foi entregue aos cuidados dos padres jesuítas. No ano de 1966 foi criada a Paróquia Pessoal de São Gonçalo, passando a igreja a ser denominada de Matriz Paroquial Nipo-Brasileira de São Gonçalo, para atender especialmente os descendentes dos imigrantes japoneses em São Paulo.

GONÇALO GARCIA EM MINAS GERAIS

Minas Gerais também teve as suas irmandades devotadas ao Beato Gonçalo Garcia, porém não tantas como se poderia imaginar, em consequência da grande população de pessoas pardas ali presente, principalmente em meados setecentos em diante. Desde sua formação histórica, lá no limiar do século XVIII, várias localidades surgiram e se desenvolveram com a toponímia de “São Gonçalo”, sem, no entanto, fazer-se a distinção de qual dos “Gonçalos” seria: Garcia ou do Amarante.¹⁰ Sabemos, no entanto, que a maioria se refere ao Gonçalo do Amarante, santo português mais conhecido e festejado no mundo luso-brasileiro. No século XVIII existiram em Minas nove irmandades de São Gonçalo, mas destas somente duas se referem ao santo de origem indo-portuguesa: uma que floresceu em São João del-Rei, atuante ainda hoje, e outra na antiga Vila Rica (BOSCHI, 1986, p.202).

No século XVIII, funda-se na Matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei, a irmandade de São Gonçalo Garcia, associada a de São Francisco de Assis. A partir do ano de 1850, é denominada de “Episcopal Confraria de São Gonçalo”. Sabe-se que, em 1759, a irmandade recebe terras para composição do patrimônio, mas a data de ereção de uma capela própria permanece incerta. Ao que tudo indica, a construção só ocorreu na década de 80 do setecentos, pois em 1786, a mesa administrativa solicitava à Coroa um ermitão andador, com a “caixinha do Glorioso Mártir S. Gonçalo Garcia”, para levantar esmolas para “poderem na nova capela, fazerem algumas obras precisas e acrescentá-la, por ser pequena”.¹¹

Uma reforma verificada no final da década de 70 do oitocentos alterou completamente o aspecto primitivo da capela. As obras tiveram uma longa duração e o atual aspecto do

¹⁰ Waldemar de Almeida Barbosa em seu *Dicionário Histórico e Geográfico de Minas Gerais* (Itatiaia, 1995), contabiliza 29 localidades com essa toponímia, sem realizar essa distinção.

¹¹ Documento existente no Arquivo Histórico Ultramarino, Cx. 125, doc. 48 – 22/08/1786 (Disponível em <http://resgate.bn.br/docreader/docmulti.aspx?bib=resgate&pagfis=>). Projeto Resgate da Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Também para os documentos do AHU utilizados a seguir.

frontispício da igreja, com a torre única central, só se concretizou no ano de 1903. Já a escadaria de acesso ao templo foi concluída em 1915.

No mesmo ano de 1786, há outra curiosa petição na qual a irmandade solicita à rainha “a mercê de conceder à referida irmandade o poder de libertar os seus irmãos que fossem escravos, pagando indenização a seus donos”.¹² Fato que parece demonstrar a preocupação social dos irmãos de São Gonçalo Garcia, que de certa forma, e em um ambiente de índole tão segregativo, encontravam-se abertos à inclusão de pessoa de qualquer cor, “brancas ou pardas”, como indica um dos capítulos de seu compromisso, datado de 1783.

São João del-Rei deve ser ainda um dos poucos lugares em que se celebra São Gonçalo Garcia com grande solenidade envolvida por um tríduo, missa e procissão. Ocorre nos primeiros dias de fevereiro, especialmente no dia 5 de fevereiro – quando este cai no final de semana –, dia consagrado ao santo. No entanto, quando a data coincide com o carnaval, a festa é realizada em junho, mês da canonização do santo¹³. A festa dedicada ao santo foi reconhecida oficialmente pelo Município através da Lei Municipal n.º 5.443, de 20 de junho de 2018, juntamente com outras festas religiosas do município.

A igreja possui uma imagem de São Gonçalo – que inclusive sai na procissão. É uma imagem de roca ou de vestir, datável já do século XIX, que usa o hábito franciscano escuro, tendo as duas lanças trespassadas ao corpo, levando na mão direita a palma com três coroas, e, na esquerda, a cruz de haste alongada (figura 6).

Diga-se que essa representação do beato mártir segue a imagem desenhada em aguada na folha de rosto do compromisso da irmandade, datada de 1783. Nela observamos o santo, ainda jovem, trajando o hábito franciscano, com as duas lanças trespassadas ao corpo, tendo na mão direita a palma do martírio com tríplice coroa, na mão direita, e a cruz de haste comprida na mão esquerda. O santo encontra-se de pé sobre um tufo de nuvens e está circundado por uma moldura de rocalhas (figura 7).

¹² Arquivo Histórico Ultramarino, Cx. 125, doc. 20, 22/08/1786.

¹³ No Compromisso de 1783, no Capítulo 12, há uma indicação para a festa ser realizada aos 03 de maio, mas não explica o porquê disso.

Figura 6 - Imagem de Gonçalo Garcia da Igreja de S. Gonçalo Garcia em São João del-Rei/MG (Século XIX).



Página da Diocese de São João Del Rei/MG. (Disponível em <https://diocesedesaojoadelrei.com.br/comunidade-festeja-sao-goncalo-garcia/>)

Figura 7: Folha de Rosto do Compromisso da Irmandade de S. Gonçalo Garcia de São João del-Rei/MG (1783).



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal/BN Digital (disponível em <https://purl.pt/31157>)

Na Vila Rica colonial, atual Ouro Preto, surge um caso bastante curioso envolvendo duas imagens do beato Gonçalo Garcia. Ali existiu no século XVIII, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias uma irmandade de São Gonçalo Garcia, surgida em meados do século, que possuía uma imagem que ficava alojada no Altar de São José. Acontece que referida matriz e na mesma época surge outra irmandade devotada ao santo, que também tinha sua imagem, localizada no altar de Nossa Senhora da Boa Morte.

Essa duplicidade de imagens de um mesmo santo, localizados em altares distintos, gerou, no ano de 1751, uma representação dos moradores da Freguesia de Antônio Dias, dirigida ao rei português, solicitando a extinção de uma das duas imagens de São Gonçalo Garcia existentes na igreja Matriz de Antônio Dias. Segundo esse documento, a imagem situada no altar de São José pertencia à irmandade de São Gonçalo Garcia, estabelecida por compromisso, com seu juiz e oficiais eleitos. Já a outra imagem, do altar da Boa Morte, tratava-se de uma imagem que se localizava em frente para outro, na parte da nave que fica junto à entrada do templo.¹⁴

¹⁴ Arquivo Histórico Ultramarino, Cx. 58, doc. 58 de 03/09/1751. As citações seguintes estão no documento, composto de 04 folhas.

A queixa dos irmãos da irmandade compromissada, era que os irmãos da Boa Morte persuadiam os moradores locais de que a imagem do santo colocada em seu altar era “mais verdadeira” do que a da irmandade “oficial” de São Gonçalo Garcia. Inclusive, causavam escândalos no dia em que se comemorava festivamente o santo. Alegava-se também que a confusão criada gerava um distúrbio entre “os devotos e irmãos do compromisso, que esfriam totalmente na devoção com ruína espiritual e corporal”. Por conta disto, temia-se a ruína da irmandade de compromisso, tendo em vista que os moradores deixavam de pagar as anuidades por se sentirem irmãos “do santo que está no altar da Senhora de Boa Morte e não da de compromisso, que está no altar de São José”. Por fim, alegam, ainda, que isto gerava uma disputa entre os irmãos, causando “murmurações e descomposturas de palavras e outros desacatos nos lugares sagrados”, ao afirmarem cada qual que “o seu santo” é mais milagroso que o da outra. Fato que também causava confusão nas dádivas e promessas dos fiéis, já que não se distinguiam para qual santo deveria se dirigir, tendo em conta que as imagens ficam uma defronte da outra. Mesmo sendo a imagem do altar de São José maior e “mais perfeita no feitio”, como alegam no documento os irmãos da irmandade de São Gonçalo Garcia de compromisso.

A confirmação do caso é reforçada por um certificado passado pelo pároco da Freguesia, naquela ocasião, o padre Félix Simões de Paiva, onde se confirma a presença de duas imagens de São Gonçalo Garcia: uma colocada no altar da Boa Morte pelos pardos reunidos em uma irmandade “secular” subordinada àquela, e a outra “nova” imagem feita para ficar no altar de São José, por iniciativa de um grupo de pardos dissidentes que criaram uma irmandade “eclesiástica” dedicada à São Gonçalo Garcia. Segundo o padre, a imagem, depois de certo tempo, foi retirada do altar de São José e alojada no altar-mor e ao final afirma não saber mais o que havia acontecido e que a imagem ficaria mais cômoda no altar de São José.

Aliás, ficamos sabendo, pela documentação disponível, que a ideia da obra de uma capela própria já vinha sendo cogitada desde o ano da contenda descrita acima. Desde 1751, os irmãos suplicavam ao rei a permissão para se ter dois Ermitões para pedirem esmolas “por todo o território das Minas” para auxiliar no gasto com a obra, alegando viverem de “favor na dita Matriz”.¹⁵ Ao que tudo indica, a imagem de São Gonçalo Garcia da irmandade compromissada ficou perambulando pelos altares da matriz por muito tempo, pois em 1753 (10/05) tornavam eles a suplicarem ao rei esmolas para auxiliar na obra de uma capela própria, “por não ter altar próprio”.¹⁶ Curioso, é que em um documento do mesmo ano, (19/02), há a referência “a uma capela nova que fazem os mesmos pardos a São Gonçalo Garcia na freguesia de Nossa Senhora

¹⁵ Arquivo Histórico Ultramarino, Cx. 58, doc. 83, de 05/05/1751.

¹⁶ _____, Cx. 62, doc. 67, de 10/05/1753.

da Conceição da mesma vila”. Nesse documento, aliás, há uma solicitação dos moradores de Vila Rica ao rei para que se unifique na referida capela as irmandades e devoções dos pardos. A justificativa era que “vivem estes enquanto ao bem espiritual e culto divino muito desordenados em forma tal que tem estes na dita vila suas irmandades e várias devoções, cada uma destas em sua parte, sem firmamento algum”.¹⁷

Contudo, ao que parece, a capela nunca veio a ser erguida e talvez a expressão utilizada no documento acima, “na capela nova que fazem os mesmos pardos”, faça referência apenas à intenção que estes tinham em construir sua nova capela. Neste aspecto, aliás, seguiam um feito dos irmãos da Irmandade de São José, surgida dentro da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, mas que ergueram uma capela própria do outro lado da Vila, na Paróquia de Nossa Senhora do Pilar.

Neste aspecto, aliás, existe outro documento, datado da segunda metade do século XVIII (1786), que apresenta uma lista das capelas e ermidas existentes na Freguesia de Antônio Dias, num total de onze: a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, a capela de Nossa Senhora dos Anjos dos Terceiros de São Francisco, a capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz, a capela do Senhor dos Perdões, onde se acha a Senhora das Mercês, a capela de Santana; na praça, a capela de Nossa Senhora do Rosário do Padre Faria, a capela de Nossa Senhora do Pilar do Taquaral, a capela de Nossa Senhora da Piedade do Morro da Lavra Nova, a capela de São João Batista do Morro do Ouro Fino, a capela de Santana do Morro da Pedra Branca e a ermida de Nossa Senhora das Dores.¹⁸

Por essa relação se constata, portanto, que não há nenhuma referência quanto à existência de uma capela dedicada a São Gonçalo Garcia. Aliás, segue a essa relação, uma lista, enumerando as confrarias que ainda se encontravam na Matriz. Nela há uma referência a uma irmandade de “São Gonçalo”, ao lado de outras, como Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição, São Miguel e Almas, Senhora da Boa Morte dos Pardos, Santo Antônio, São Sebastião, Rosário do Terço e Terceiros de São Francisco de Paula.

Portanto, 30 anos após a querela envolvendo as duas imagens de São Gonçalo Garcia, a irmandade compromissada ainda subsistia na matriz. Não dá para saber, naquele momento, se ela encontrava instalada em algum altar próprio, já que certamente os seus irmãos não conseguiram erguer sua capela, como pretendiam; pelo menos não se tem notícia até o presente de se ter havido em Ouro Preto uma capela dedicada ao referido santo. Quanto às imagens do santo que se envolveram naquela briga, não há mais notícia delas na igreja.

¹⁷ Arquivo Histórico Ultramarino, Cx. 61, doc. 44, de 19/02/1753.

¹⁸ _____, Cx. 126, doc. 07, de 12/01/1787. Trata-se de um documento longo, com 35 folhas.

O curioso é que hoje existe entronizada em um dos altares da nave uma imagem de São Gonçalo do Amarante, e há até quem nomeie o altar como sendo do referido santo ou irmandade. Poderíamos até conjecturar que a irmandade de “São Gonçalo” existente no ano de 1786 na matriz de Antônio Dias, seja a de São Gonçalo do Amarante, um santo português muito popular no mundo luso-português, ao invés do santo indo-português. Penso que naquela época, de religiosidade bem arraigada na vida do povo, não se faria essa rude confusão. Mas o certo é que em algum momento do século XIX, talvez, se tenha introduzido essa devoção do santo de Portugal, apagando de vez a existência do glorioso São Gonçalo do Garcia. (Isso, no entanto, é uma hipótese que requer uma pesquisa mais exaustiva, que foge ao escopo desse artigo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função do que se demonstrou até aqui, podemos chegar à conclusão de que Gonçalo Garcia não é atualmente mais um santo tão popular no mundo luso-brasileiro, como foi em séculos anteriores. Das poucas imagens que indicamos e descrevemos no artigo, umas poucas ainda se encontram em seus altares originais; outras foram deslocadas para cômodos discretos das igrejas ou para museus; e outras desapareceram. Também praticamente não se celebra mais festivamente o santo, com raríssimas exceções, como destacado para o caso de São João del-Rei. É importante enfatizar que a festa é um componente importante para se manter viva a memória do santo, de seu culto e conseqüentemente de sua imagem. A falta da festa ou de uma mínima celebração em torno de sua memória, por meio de missas e tríduos, determina, com toda certeza, o seu profundo esquecimento. Outro aspecto verificado é que as imagens não aparentam traços de serem representadas fisicamente como um indivíduo de cor parda, a não ser, em alguns casos, na presença ligeiramente encaracolada dos cabelos. Por fim, devemos pensar que se a existência das imagens do santo, no período colonial, estimulou sentimentos de resistência social ou racial, isso se perdeu com o tempo. O desaparecimento das irmandades associadas ao santo, propiciou, de certa forma, o arrefecimento de muitas dessas tensões e foi também, inclusive, preponderante para o esquecimento da devoção em torno do Beato Mártir Gonçalo Garcia.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Padre Pedro Fernandes. *Sermão do admirável Mártir do Japão S. Gonsalo Garcia pregado no primeiro dia do Triduo que lhe consagrarão os Homens Pardos na Sé Cathedral da Cidade da Bahia aos 24 de Novembro de 1746*. Lisboa, Oficina de Miguel Menescal da Costa, 1748. (Disponível em <https://purl.pt/34230>).
- BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o Poder**. (*Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*). São Paulo, Editora Ática, 1986.
- CARDIM, PADRE Antônio Francisco. *Elogios e ramallete de flores borrifado com sangue dos religiosos da Companhia de Iesu, a quem os tyranos do Império de Iapão tirarão as vidas por ódio da Fé Catholica*. Lisboa, Manoel da Silva, 1650. (Disponível em <https://purl.pt/12675>).
- COMPROMISSO REFORMADO DA IRMANDADE DE SÃO GONÇALO GARCIA DE SÃO JOÃO DEL REY COMARCA DO RIO DAS MORTES ERECTA NA SUA CAPELA, 1783. (Disponível em <https://purl.pt/31157>)
- COSME E DAMIÃO, Frei José dos Santos. *Sermam de S. Gonsalo Garcia Pregado no Terceiro dia do Solemnissimo Triduo, que celebrarão os Homens Pardos da Cidade da Bahia na Catedral da mesma Cidade aos 24. 25 e 26 dias do mês de Novembro anno de 1746*. Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1747. (Disponível em <https://purl.pt/28732>).
- FONSECA, Jorge. **Religião e liberdade. Os negros nas irmandades e confrarias portuguesas (séculos XV a XIX)**. Famalicão, Edições Húmus, 2016. (Disponível em https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/3334367/Religiao_e_Liberdade_WEB_1_.pdf)
- JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. **Jaboatao Mystico em corrente primeira Panegyrica e Moral**. Lisboa, Oficina de Antônio Vicente da Silva, 1758. (Disponível em <https://purl.pt/24730>).
- LINS, Rachel Caldas e ANDRADE, Gilberto Osório. **Como viu o Japão Frei Ribadeneira**. REVISTA CIÊNCIA E TRÓPICO, Recife 14 (2): 111-122, jul./dez., 1986. (Disponível em <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/391/277>).
- MAURÍCIO, Augusto. **Tempos Históricos do Rio de Janeiro**. 1946. (Disponível em <https://reficio.cloud/templos-historicos-do-rio-de-janeiro/augusto-mauricio-igreja-sao-goncalo-garcia-e-sao-jorge/>)
- RIBADENEYRA, Frei Marcelo de. **Historia de las islas del Archipelago, y reynos de la Gran China, Tartaria, Cuchinchina, Malaca, Sian, Camboxa y Jappon, Y de lo sucedido en ellos a los Religiosos Descalços, de la Orden del Seraphico Padre San Francisco, de la Provincia de San Gregorio de las Philippinas**. Barcelona, Imprensa de Gabriel Graells e Giraldo Dotil, 1601. (Disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=ucm.5323537054&view=1up&seq=6>)
- RIBEIRO, Solterio da Silva. **Summula Triunfal da nova e grande celebridade do glorioso e invicto martyr S. Gonçalo Garcia, 1745**. REVISTA DO IHGB, Rio de Janeiro, Tomo 99, n. 153, p.11-104, 1928. (Disponível em <https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/107846-revista-ihgb-tomo-99-vol-153.html>)
- SAN ANTONIO, Frei Juan Francisco de. **Chronicas de la apostólica provincia de S. Gregorio de religiosos descalzos de N.S.P.S. Francisco en las Islas Philipinas, China, Japón, &c. Manila**, 1744. Terceira Parte. (Disponível em <https://purl.pt/26216>).
- SANTA MARIA, frei João de Santa Maria. **Relacion del martírio que seys Padres Descaços Franciscos, e veynte Iaponeses Christianos padecieron em Iapon**. Madrid, Imprensa del licenciado Varez de Castro, 1599. (Disponível em <https://purl.pt/35678>).
- SESÉ, Rocío Alonso. **Los 26 mártires de Nagasaki. Contextualización en el arte hispánico**. (Disponível em <https://www.readcube.com/articles/10.6035%2Fforumrecerca.2013.14>).